

Um voto no cinquentenário da USP

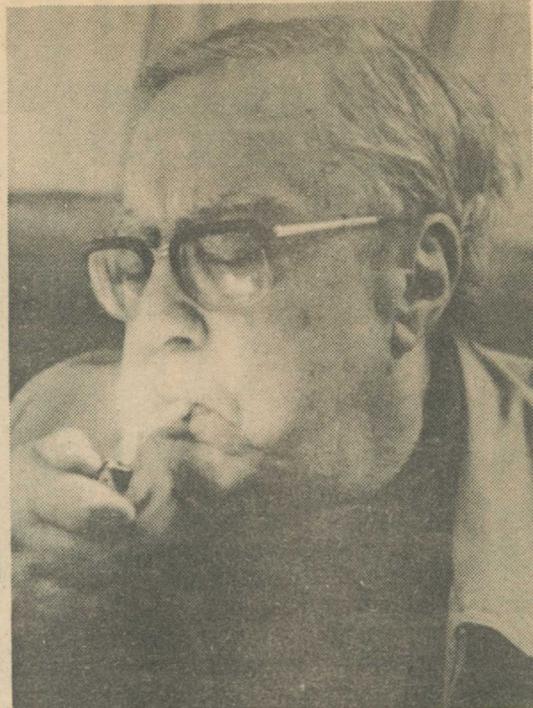
José Guilherme Merquior

SBH
Hp 67.020

84/01/29
Folhade São Paulo
Folhetim

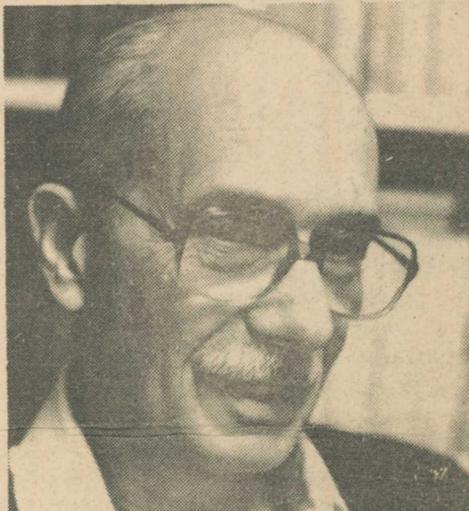


Miguel Reale



Sérgio Buarque de Holanda

Se o sentido maior do ensino universitário não é um aprendizado básico, uma “lição de coisas” em grande escala, e sim um contínuo aprender a pensar



Antonio Candido

e a descobrir, a USP, hoje, como tantas outras universidades brasileiras, volta e meia experimenta a ameaça de algo inteiramente contrário a essa mentalidade

Não se pode imaginar que tirania será exercida sobre o espírito a pretexto de que o saber é um aliado clandestino do capital, que deve ser aniquilado.

J. Burckhardt”

Uma universidade, disse um europeu meio cínico, “é uma coleção de departamentos ligados por um sistema central de calefação”. Se há lugar para observações desse tipo em países do Atlântico Norte, com universidades pluricentenárias, imaginem entre nós, onde nem sequer se precisa de calefação... Para estranhos como eu, a glória da USP, em termos históricos, consiste em ter sido a primeira das nossas universidades a escapar, em boa medida, ao estado atomizado da mera soma de faculdades, conquistando desde cedo certa “imagem de marca” realmente universitária.

Para os não-paulistas de minha geração, essa imagem de marca estava ligada à qualidade das primeiras gerações pioneiras da USP: as levas de professores que vão, digamos, de um Sérgio Buarque de Holanda a um Antonio Candido.

Em conjunto, esses fundadores ou grandes continuadores garantiram à USP um alto nível de qualidade intelectual, que se antepunha às divergências ideológicas para dar ao resto do País um belo exemplo de espírito universitário, marcado pela amplitude cultural e pela originalidade de pensamento. Pois isso foi precisamente o que o Brasil, e na verdade a América Latina, ficaram devendo a essas grandes estrelas da USP, todas elas sem a menor queda para o vedetismo: na História Cultural de mestre Sérgio, como na Filosofia do Direito de Miguel Reale e na História Literária de Antonio Candido, estávamos construindo abordagens fecundamente renovadoras de cada uma dessas áreas, dignas de atrair o interesse e até de exercer influência — como de fato aconteceu — no estrangeiro.

Ao destacar esses nomes, tenho consciência de estar

cometendo várias omissões injustas. Naturalmente, ao improvisar um balanço assim à distância, limito-me às obras de que sou mais íntimo, e ainda assim no único campo em que posso dar palpite, o humanístico. Não creio, porém, errar ao escolhe-los como modelo de sedimentação, em estudos notáveis, de uma longa e memorável experiência letiva, levada a efeito no âmbito da USP, quer na Maria Antonia, quer nas arcadas do largo de São Francisco, bem mais tarde incorporadas à universidade do Estado.

Já se disse que a principal característica de uma autêntica universidade é ser um lugar onde os que ensinam estão eles mesmos aprendendo outras coisas, além do que ensinam. Noutras palavras: ensino e pesquisa caminham juntos, mas a pesquisa não é subordinada aos imperativos práticos do ensino — antes, o ensino é que vem a ser um subproduto do aprofundamento da pesquisa. Por isso é que uma verdadeira cultura universitária pressupõe a vigência de uma vigorosa estrutura de educação secundária, já que o sentido maior do ensino universitário não é um aprendizado básico, uma “lição de coisas” em grande escala, e sim um contínuo aprender a pensar e a descobrir.

Em sua longa fase de estréia e afirmação, a USP terá sido, no Brasil, a universidade que mais se aproximou dessa função precípua do espaço universitário: o saber como bandeirante do pensamento, colonização adogmática de novos territórios do conhecimento e da teoria.

E hoje? Hoje, às vezes sinto que a USP, como de resto tantas outras universidades brasileiras, volta e meia experimenta a ameaça de algo inteiramente contrário a essa mentalidade. Quando o cardeal Newman teorizou a universidade, no século passado, ele exprimiu o receio de que, ao serem secularizados, os centros de ensino superior passassem a sofrer a tentação de virar focos de “religiões” leigas, tão ou mais sectárias, estreitas e intolerantes do que as formas mais obscurantistas do

clero e da religiosidade tradicionais. Ora, esse é exatamente o problema crucial da universidade contemporânea: o perigo permanente de uma ideologização do saber.

É claro que os universitários, mestres e alunos, têm direito de participar dos debates públicos da nacionalidade, e que esse direito se estende ao exercício do protesto social e da atuação política. Mas o que nenhum universitário tem o direito de fazer, sem trair a missão da universidade, é converter o magistério em arregimentação ideológica de uma juventude tanto mais dócil às doutrinações simplistas quanto mais despreparada sai de um sistema de educação de base clamorosamente insatisfatório.

Fazer da universidade uma arena política, um circo de proselitismo e militância e alimentado de sublitteratura panfletária é perder de vista os critérios de rigor e objetividade que devem nortear toda genuína erudição e pesquisa. Tal atitude constitui uma demissão da inteligência e uma dupla prostituição do caráter — do caráter do professor e da característica essencial da universidade. Ciência não é impaciência; universidade não é uniforme mental; e participação não é essa ridícula campanha lançada contra o “discurso competente” por levianos profetas de salão num país ainda tão largamente analfabeto. Nenhum voto, nestes 50 anos da USP, poderia ser mais construtivo do que o desejo e o empenho de que ela, como principal universidade do País, venha a reunir em si forças para imunizar-se contra todos os vírus — de direita ou de esquerda — do logocídio ideocrático: do assassinato do espírito nas mãos do despotismo ideológico. Nem é por acaso que as universidades só prosperam onde de fato sobrevivem, ao menos em parte, as instituições livres.

JOSÉ GUILHERME MERQUIOR é ensaísta e crítico literário, PhD pela London School of Economics e Doutor pela Universidade de Paris, autor, entre outros livros, de “As Idéias e as Formas” (Nova Fronteira).

Folhetim 29.1.84